

CONECTANDO MEMÓRIAS E PAISAGENS URBANAS

CONNECTING MEMORIES AND URBAN LANDSCAPES

CONECTANDO MEMORIAS Y PAISAJES URBANOS

Luisa Prazeres Vasconcelos¹
Felipe Eduardo Ferreira Marta²

Manuscrito recebido em: 28 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 10 de junho de 2022.

Publicado em: 01 de julho de 2022.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre a memória e a paisagem postas na esfera urbana, buscando entender de que forma a memória dos habitantes da cidade pode ser afetada pelos espaços físicos inerentes a esta. A metodologia utilizada busca conceituar os diferentes fenômenos apresentados para extrair desses conceitos as bases comuns sob as quais eles são edificados, e assim conseguir relacioná-los sob o ponto de vista da similitude. Os resultados apresentados se baseiam na definição de uma identidade coletiva e de um sentimento de pertencimento à paisagem urbana que gera uma preservação dos espaços da urbe.

Palavras-chave: Paisagem; Memória; Identidade; Coletivo; Cidade.

Abstract

This paper aims to analyze the relationship between memory and landscape in the urban sphere, seeking to understand how the memory of the inhabitants of the city can be affected by the physical spaces inherent to it. The methodology used seeks to conceptualize the different phenomena presented to extract from these concepts the common bases under which they are built, and thus be able to relate them from the point of view of similarity. The results presented are based on the definition of a collective identity and a sense of belonging to the urban landscape that generates a preservation of the spaces of the city.

Keywords: Landscape; Memory; Identity; Collective; City.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la relación entre memoria y paisaje en el ámbito urbano, buscando comprender cómo la memoria de los habitantes de la ciudad puede verse afectada por los espacios físicos inherentes a la misma. La metodología utilizada busca conceptualizar los diferentes fenómenos presentados para extraer de estos conceptos las bases comunes bajo las cuales se construyen, y así poder relacionarlos desde el punto de vista de la similitud. Los resultados

¹ Doutoranda e Mestra em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9792-774X> Contato: luisavasconcelos@hotmail.com

² Pós-doutor pela Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech/USA). Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente na Universidade Estadual de Santa Cruz.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0501-4298> Contato: fefmarta@uesc.br

presentados se basan en la definición de una identidad colectiva y un sentido de pertenencia al paisaje urbano que genera una preservación de los espacios de la ciudad.

Palabras clave: Paisaje; Memoria; Identidad; Colectivo; Ciudad.

Introdução

Através de um ensaio teórico no campo da memória, este estudo se propõe a refletir sobre a forma como a paisagem urbana pode afetar a memória dos indivíduos que com ela se relacionam. Partindo do pressuposto que a cidade é um espaço físico onde as relações sociais são imanentes, essas paisagens urbanas aparecem intrinsecamente vinculadas ao cotidiano de interação entre seus habitantes.

Para a análise, primeiramente faz-se necessário entender o conceito de paisagem urbana e sua relação com a sociedade, para, posteriormente, relacioná-la à memória, identificando as formas de afecção entre elas.

Segundo Houaiss e Villar a palavra *paisagem* significa, entre outros, o “conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar” (HOUAISS; VILLAR, 2001). Para aprofundar esse conceito, recorre-se aqui ao entendimento exposto por Verdum, Vieira e Pimentel, que analisa a paisagem sob duas perspectivas: a paisagem enquanto algo concreto e a paisagem enquanto um fenômeno.

A concretude da paisagem – e, nesse caso, da paisagem urbana – pode ser explicada como “o resultado das marcas que a(s) sociedade(s) humana(s) imprime na superfície terrestre ao longo do tempo” (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p.132-133), expressando um entendimento físico, palpável, mas já considerando a variável tempo sobre o espaço.

Sob a perspectiva fenomenológica, vê-se a paisagem urbana como uma variável cultural, onde “cada pessoa, de acordo com a sua trajetória, consciência e experiência, vê as paisagens de forma diferente e única, sendo que nela se insere de determinada forma” (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p.133). Esse aspecto subjetivo da paisagem traz à cena uma construção social, onde os diferentes olhares, dentro de uma determinada sociedade, são responsáveis por estabelecer seus próprios conceitos sobre a paisagem, sendo que estes podem variar de acordo com a realidade de cada cidadão ao longo do tempo.

Nessas duas perspectivas, encontra-se a sociedade atuando diretamente sobre a paisagem urbana de forma contínua, o que acaba também por transformar a própria sociedade, em uma relação retroalimentada. A temporalidade da paisagem urbana resgata alguns pensamentos sobre permanência e adaptabilidade trabalhados no campo da memória.

A pesquisadora Aleida Assmann, ao falar de memória, também expõe dois entendimentos para a caracterização dos “*locais*”, um objetivo e outro subjetivo. Enquanto no entendimento objetivo os locais são objetos de memória, no entendimento subjetivo se “aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos” (ASSMANN, 2011, p.317). A forma subjetiva proposta por Assmann remete a uma corporificação da paisagem que passa a interferir em uma memória mais ampla, que podemos chamar de coletiva.

A afecção na memória individual e na memória coletiva

O sociólogo Maurice Halbwachs foi pioneiro no estudo sobre a memória e a inserção da paisagem urbana nesse universo. Mas antes de tratar especificamente sobre a relação da memória com o espaço físico presente em sua obra, se faz necessário compreender o conceito de memória coletiva trabalhado por Halbwachs.

Para o autor, não há nenhuma recordação que aconteça de forma totalmente individual, o ser humano é uma espécie social e, dessa forma, a construção de sua memória é sempre afetada pela sociedade, ou melhor, pelos grupos sociais dos quais o indivíduo se sente pertencente (HALBWACHS, 2004, p.8).

A sociedade se apresenta para a memória dos indivíduos sob a forma de pensamentos dominantes com os quais os acontecimentos passados se relacionam para que possam ser racionalizados no processo de recordação. Esses pensamentos dominantes constituem quadros sociais que estão sempre vinculados aos grupos e às tradições das quais o indivíduo participa, sendo essa a base material para a memória coletiva. É sob o ponto de vista do grupo, e a partir das memórias do grupo, que as

memórias individuais operam, questionando a autonomia da memória individual, mas entendendo que, da mesma forma que o senso coletivo está presente nas lembranças dos seres humanos, por mais individuais que elas possam parecer, é a presença dessas mesmas lembranças em um conjunto de indivíduos que faz com que se dê a consolidação da memória. Ou seja, assim como o grupo social está presente no imaginário individual, ele precisa que os indivíduos tenham noções em comum para permanecer com caráter coletivo, pois os dados das lembranças “passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (HALBWACHS, 1990, p.34).

Se todas as memórias possuem um caráter coletivo, é preciso compreender o espaço da individualidade nesse contexto regido por grupos. Salienta-se que a memória coletiva conceituada por Halbwachs traz em si o aspecto subjetivo da memória individual. Nesse caso, a memória coletiva engloba as memórias individuais, mas não as suprime, uma vez que é o indivíduo que se recorda, como explica nesse trecho:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoia, uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p.51)

Paul Ricoeur, em sua obra *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (A memória, a história e o esquecimento), ao analisar a obra de Halbwachs, concorda com esse aspecto da reconstrução coletiva da memória, uma vez que “as mais notáveis dentre essas lembranças são aquelas de lugares visitados em comum” (RICOEUR, 2007, p.131). Entretanto, quando se fala em memória coletiva, precisa-se destacar que as lembranças em comum “exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outro que não nós” (RICOEUR, 2007, p.131), portanto, é através de lembranças em comum que os indivíduos criam suas próprias identidades num conjunto.

Mas Ricoeur também questiona Halbwachs a partir do ponto em que defende “que a memória individual toma posse de si mesma” (RICOEUR, 2007, p.130), destacando que os indivíduos também são responsáveis pelas suas memórias:

elas [as lembranças] nos fazem viajar de grupo em grupo, de âmbito em âmbito, tanto espaciais como temporais. [...] O próprio ato de “se recolocar” num grupo e de se “deslocar” de grupo em grupo, e mais geralmente, de adotar o “ponto de vista” do grupo, não supõe uma espontaneidade capaz de dar sequência a si mesma? Caso contrário, a sociedade não teria atores sociais. (RICOEUR, 2007, p.132)

Dessa forma, o indivíduo assume uma identidade particular através da sua recolocação em diversos grupos simultaneamente.

Analisando a memória, seja do ponto de vista individual ou seja do ponto de vista coletivo, o que podemos identificar em comum nos discursos de Halbwachs e de Ricoeur, é que o reconhecimento da identidade de cada indivíduo, ou seja, “da imagem de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p.5) se dá através das suas memórias. Michael Pollak nos confirma esse pensamento quando afirma que,

podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.5)

Se a memória é a responsável pela constituição da identidade dos indivíduos ao longo de suas vidas, podemos concluir que a memória se dá no presente, e não no passado. A memória é uma construção contemporânea de fatos vivos, e como diz Pierre Nora, “ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p.9).

Com esse pensamento de que a memória constitui o reconhecimento individual ao longo das transformações durante a vida, passa-se, enfim, para a relação dessa memória com o meio físico em que ela é posta.

A memória no espaço urbano

Têm-se até aqui, uma análise que considera que a memória coletiva é afetada pelas interpretações individuais, em um movimento de seleção de imagens que ocorre de acordo com os interesses de cada indivíduo, enfatizando o caráter construtivo da memória. As noções comuns e os fatos recordados pelos grupos se tornam suscetíveis às adaptações do próprio grupo, uma vez que as recordações são a “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p.71).

Quando o estudo da memória se debruça sobre o espaço físico, é possível encontrar similaridades nessa construção do imaginário em relação aos lugares. Para Ricoeur, “os lugares são locais onde algo se passa, onde algo chega, onde mudanças temporais seguem trajetos efetivos ao longo dos intervalos que separam e ligam os lugares”³ (RICOEUR, 2016, p.23 - tradução nossa).

Sob o ponto de vista individual, encontra-se as paisagens urbanas atuando como locais afetivos conectados às recordações das experiências vivenciadas, e submetidos à subjetividade do indivíduo, o que lhe confere uma vinculação de identidade particular, ou seja, nas memórias afetivas dos indivíduos, têm-se sempre a imagem de um espaço físico vinculada aos fatos vividos. Recorrendo ao filósofo romano Marco Túlio Cícero, Assmann apresenta a importância dos locais para a construção de uma memória:

[...] ele determinou figuras e lugares (*imagines et loci*), sendo que as figuras eram úteis para a fixação afetiva de determinados conteúdos do saber, e os lugares, para a ordenação desses conteúdos e sua recuperação. O próprio Cícero cumpriu a passagem dos *lugares da memória* para os *locais da recordação* quando descobriu, segundo sua própria experiência, que as impressões captadas em um cenário histórico são “mais vivas e atenciosas” que outras assimiladas por ouvir falar ou pela leitura. (ASSMANN, 2011, p.318)

³ “Les lieux sont des endroits où il se passe quelque chose, où quelque chose arrive, où des changements temporels suivent des trajets effectifs le long des intervalles qui séparent et relient les lieux”.

Dessa forma, os cenários constituem-se em um meio de solidificação e localização das memórias, e quando as mesmas ideias sobre um cenário estão presentes em um conjunto de indivíduos, essas paisagens passam a adquirir um caráter coletivo, assim como acontece na construção de uma memória coletiva.

De forma mais ampla, Assmann considera os locais de recordação como paisagens memorativas de uma nação, o que confere “aura a esses locais e neles se procura um contato direto com o passado” (ASSMANN, 2011, p.359). Nesse estudo, ela começa a delinear que os lugares são a base de permanência para as experiências dos indivíduos, neles se ancoram suas lembranças, o que as permite serem lembradas. Ao analisarmos as paisagens urbanas, esses locais de recordação passam a se vincular às experiências diárias dos habitantes citadinos. Conforme Sandra Jatahy Pesavento:

estes espaços dotados de significado fazem, de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social. (PESAVENTO, 2008, p.3)

Ao tratar do reconhecimento de uma recordação, Halbwachs analisa que este vem sempre acompanhado de uma busca por sua localização, dessa forma, nós “orientamos nosso pensamento pelos diversos grupos sociais dos quais fazemos parte para tentar encontrar a qual grupo aquela recordação faz parte. Não existe reconhecimento algum que não seja o início de uma localização racionalizada” (HALBWACHS, 2004, p.141).

A localização à qual Halbwachs se refere não implica em situar os eventos apenas no espaço, mas também no tempo. Ela está sempre relacionada a acontecimentos próximos, pontos de referência para o grupo que permite apresentar uma forma simplificada de acesso às recordações.

O sociólogo acrescenta que a localização da recordação precede o reconhecimento e precede a própria evocação das recordações. Afirma que “ela contém uma parte do que será a substância da recordação reconhecida. É a localização que explica a recordação” (HALBWACHS, 2004, p.144). Para exemplificar essa conclusão, o autor utiliza suas recordações de um período de estadia em Paris, e mostra que o encadeamento dos pensamentos o faz perceber que é a operação lógica de localização que lhe permite evocar recordações afetivas daquele momento, conforme explica:

[...] antes de evocar a recordação desse café da manhã perto da estação de Montparnasse, me perguntava se me hospedava na casa dos meus sogros, perto da rua Rennes. Não é, então, a rua Rennes, e a imagem desse bairro o que me permite lembrar da estação de Montparnasse e da varanda de café? Não refleti antes, ou naquele momento, sobre o que foi dito, com o calor que devia fazer nesse período, o sentimento de alívio que tinha pela proximidade do fim dos exames, e a certeza de que logo me encontraria junto com minha família à beira do mar. É muito possível que todo esse conjunto de pensamentos que localizei por uma operação puramente lógica, foi o que me permitiu evocar essa recordação afetiva, e não o inverso.⁴ (HALBWACHS, 2004, p.154 - tradução nossa)

No exemplo citado vemos que o espaço urbano conduz as recordações individuais, entretanto a escolha do caminho pelo qual o pensamento deve percorrer se dá através dos ensinamentos dos grupos. No entanto, Sandra Jatahy Pesavento argumenta que “podemos ter sido induzidos, educados e ensinados a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em um processo de vivência do imaginário urbano coletivo” (PESAVENTO, 2008, p.4). O compartilhamento dos espaços pela sociedade traz a referência ao grupo, e com ela, o reconhecimento de sua história. Para Assmann,

mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos. (ASSMANN, 2011, p.318)

Aqui o espaço físico assume a função de um referencial de estabilidade para a memória, que nele se apoia como se fosse imutável. Recorrendo a Henri Bergson, tudo no universo está submetido ao tempo, tudo está em processo de duração, e a duração do ser humano coexiste com todas as outras durações na passagem do tempo (BERGSON, 1988). Ao estudar as paisagens urbanas, percebe-se que os movimentos que nos são perceptíveis

⁴ “[...] antes de evocar el recuerdo de ese desayuno matutino cerca de la estación de Montparnasse, me preguntaba si me hospedaba en casa de mis suegros, cerca de la calle Rennes. ¿No es, pues, la calle de Rennes, y la imagen de ese barrio lo que me permite acordarme de la estación de Montparnasse y de la terraza de café? No he reflexionado antes, o en ese momento, sobre lo anterior, con el calor que debía hacer para ese entonces, el sentimiento de alivio que tenía por la proximidad del fin de los exámenes, y la certeza de que me encontraría junto con los míos muy pronto al borde del mar. Es muy posible que todo ese conjunto de pensamientos que ubiqué por una operación puramente lógica, fuera lo que me permitió evocar ese recuerdo afectivo, y no a la inversa”.

nestas ocorrem de maneira gradual, num processo mais lento do que os movimentos da própria sociedade, configurando um ritmo diferente do ritmo do ser humano. Sob este ponto de vista compreende-se que, por estarem em durações diferentes, o ser humano tem a sensação de que as paisagens são estáticas, ou imutáveis.

É sua aparente estabilidade que faz dos locais os ancoradouros da memória, “assim, as pessoas duram porque as coisas duram” (HALBWACHS, 1990, p.146). Não se refere aqui apenas às coisas construídas pelo ser humano, às cidades e ao meio urbano, as paisagens naturais e a natureza em si contribuem “para nos acalmar, põe-nos em equilíbrio, colocando-nos, por um instante, sob a influência do mundo e das forças físicas” (HALBWACHS, 1990, p.135). Assim, a paisagem construída e a paisagem natural se mesclam na elaboração individual do cenário da cidade.

Segundo Pesavento o valor simbólico que essas paisagens constituem é o que constrói a identidade do indivíduo, a partir da sensação do pertencimento ao espaço, como explica a seguir:

a construção de identidades urbanas tem seu acabamento na construção de paisagens, onde o enquadramento do espaço construído com seus elementos referenciais e icônicos e ajusta e se enlaça com o meio natural. Neste sentido, cidades à beira do mar, de um rio ou de um lago jogam com o elemento natural a integrar-se com a cultura, compondo imagens dotadas de valor simbólico de forte apelo. (PESAVENTO, 2008, p.4)

Se são as paisagens da sociedade que garantem identidade e equilíbrio ao indivíduo, a sua ausência ou perda afeta o sentimento de pertencimento ao grupo. Para Halbwachs “as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu” (HALBWACHS, 1990, p.131). Destaca-se, porém, que esse não é um eu isolado, mas o que o indivíduo representa dentro daquele grupo social, pois,

quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da ideia que faz de si mesmo. [...] Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio. (HALBWACHS, 1990, p.133)

Percebe-se que o entorno material traz consigo a marca do grupo que nele se insere, e este grupo desenvolve o sentimento de pertencimento para com aquele espaço que desperta os vínculos afetivos mais fortes. As paisagens urbanas apenas apresentam sentido e identidade enquanto um lugar de coletividade, um bem coletivo onde o grupo se reconhece pertencente. A paisagem é sempre o espaço onde os acontecimentos coletivos se dão e o meio material onde eles ficam registrados para posteriores recordações e reconstruções da sociedade,

assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p.143)

Se o reconhecimento de si se dá através da memória, e esta aparece sempre apoiada sobre um meio material, um espaço físico, podemos concluir que a paisagem é um elemento constituinte do reconhecimento individual. O que você está sendo afetado pelas paisagens com as quais você se relaciona. “Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade” (PESAVENTO, 2008, p.4).

Ao mesmo tempo em que os hábitos e a continuidade do espaço marcam o indivíduo, a urbe é o local de encontros e convivência com diferentes grupos, em diferentes temporalidades, “cada prédio novo apresenta em sua construção (ao mesmo tempo ato e resultado do ato) a memória petrificada do edifício se construindo. O espaço construído é tempo condensado”⁵ (RICOEUR, 2016, p.25 - tradução nossa).

⁵ “chaque bâtiment nouveau présente dans sa construction (à la fois acte et résultat de l'acte) la mémoire pétrifiée de l'édifice se construisant. L'espace construit est du temps condensé”.

Os diversos tempos da paisagem coexistem em seu reconhecimento, uma coexistência virtual em relação direta com a memória, que Pesavento nos explica abaixo:

[...] as narrativas do passado fornecem pistas para fazer reviver os espaços da cidade. Para além das palavras, os sons, as músicas e as canções cantam a cidade, trazendo ao presente as sensibilidades do passado. [...] A história e a memória de uma cidade é também o boato, *ouvir dizer*, o relato memorialístico que se apóia não só na lembrança pessoal de quem evoca, mas também naquilo que foi contado um dia por alguém cujo nome não mais se sabe. (PESAVENTO, 2008, p.7)

É essa trama memorialística que fornece ao espaço urbano a capacidade de despertar o sentimento do pertencimento que compõe os laços culturais daquela população. Segundo Ricoeur, “é principalmente na «configuração» da Cidade que se pode ler, através de seu espaço organizado de um modo representativo, a história sedimentada das formas culturais”⁶ (RICOEUR, 2016, p.27, tradução nossa). Nesse contexto, Ricoeur analisa o espaço público sob a seguinte perspectiva:

cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade. A narratividade impregna mais diretamente ainda o ato arquitetural na medida em que este se determina em relação com uma tradição estabelecida e se arrisca a fazer com que se alternem renovação e repetição. É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas. (RICOEUR, 2007, p.159)

Torna-se importante salientar que, frente à pluralidade dos indivíduos, a apropriação social da paisagem urbana está submetida às diferentes narrativas públicas assumidas pelos distintos grupos, transformando-a em um campo de disputas simbólicas. Porém essa discussão deve ser tratada de forma mais minuciosa em outra abordagem.

⁶ “C'est principalement dans la « configuration » de la Cité que se donne à lire, à travers son espace organisé d'une façon représentative, l'histoire sédimentée des formes culturelles”.

É justamente por abrigar tamanha diversidade, que a cidade precisa se reinventar constantemente, em um processo que abriga simultaneamente os conceitos opostos de transformação e a estabilidade.

As transformações das paisagens urbanas

É preciso enfatizar que as paisagens urbanas, apesar da aparente estabilidade, sofrem constantes transformações, não apenas naturais, próprias da passagem do tempo, mas fruto das intervenções humanas sobre o espaço.

A temporalidade do espaço urbano ultrapassa a questão do presente. A cidade, por mais que possua o caráter de continuidade, está em permanente transformação para se adaptar à inquietude de seus habitantes. A busca incessante pelo novo, pela mudança, nos faz esquecer os caminhos já trilhados, num movimento de negação da memória.

Portanto, o homem e a sociedade se encontram em permanente transformação, e nesse processo, os locais ficam naturalmente susceptíveis a readaptações. Por conta da identidade criada através do espaço físico, a mudança da paisagem urbana coloca o próprio homem em crise, “os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper” (HALBWACHS, 1990, p.133), e frente a esse rompimento surge o sentimento de perda e de vazio. Para o ser humano, “perder seu lugar no recanto de tal rua, à sombra daquele muro, ou daquela igreja, seria perder o apoio de uma tradição que os ampara, isto é, sua única razão de ser” (HALBWACHS, 1990, p.138). Essa constante transformação atravessa gerações, solidificando a perda da tradição e da identidade daquela coletividade. Ao analisar os centros urbanos, Pesavento traz que,

[...] os centros urbanos sofrem os desgastes físicos inerentes à passagem do tempo e ao uso social de tais espaços; sofrem ainda alterações de uso, que modificam, apagam ou destroem a função original dos mesmos; e, por último, a centralidade pode ser acometida de uma perda de significado e de memória, sofrendo pelo esquecimento e pela falta de sentido histórico, que foi perdido através das gerações.

[...]

Ao longo dos anos, cidades enfrentam dilemas, que presidem escolhas políticas: o que preservar, o que destruir? Progresso e modernidade urbana implicam em mudanças, onde se combinar construção e destruição. [...] o movimento centrífugo de crescimento, do centro para fora e para os subúrbios, ameaça a memória, produz o esquecimento, destrói os significados. (PESAVENTO, 2008, p.5-6)

Assim, podemos inferir que o esquecimento de uma paisagem urbana se dá quando as transformações desconfiguram profundamente o cenário das memórias, e criam novos sentimentos relativos a um mesmo espaço, que sobrepõe antigos sentimentos e imagens.

Quando uma paisagem não corresponde aos interesses de convívio coletivo e quando deixa de existir o sentimento de pertencimento, ela se torna invisível para o grupo. Segundo Henri Bergson, “nossa representação da matéria é a medida de nossa ação possível sobre os corpos; ela resulta da eliminação daquilo que não interessa nossas necessidades” (BERGSON, 1999, p.35).

Considera-se então que o esquecimento é parte natural das adaptações humanas. Sob essa perspectiva, Pesavento traz que “é preciso um esforço, um empenho e o trabalho de uma memória voluntária. Lembrar o passado é uma habilitação que se conquista, progressivamente” (PESAVENTO, 2008, p.11).

Para Ricoeur, é preciso saber ler a cidade, enxergar nos resíduos testemunhos urbanos para através deles poder recontar as histórias de vida no presente (RICOEUR, 2016). Ou melhor,

Trata-se, na verdade, de memórias de épocas diferentes que são recapituladas e mantidas em reserva nos lugares onde elas estão inscritas.

[...]

É necessário, portanto, fazer o luto da compreensão total e admitir que há o inextricável na leitura de nossas cidades. Elas alternam a glória e a humilhação, a vida e a morte, os eventos fundadores mais violentos e a doçura de viver. É essa grande recapitulação que realizamos ao fazer sua leitura.⁷ (RICOEUR, 2016, p.28-29, tradução nossa)

⁷ “Ce sont en effet des mémoires d'époques différentes qui sont récapitulées et tenues en réserve dans les lieux où elles sont inscrites. [...] Il faut donc faire le deuil de la compréhension totale et admettre qu'il y a de l'inextricable dans la lecture de nos villes. Elles alternent la gloire et l'humiliation, la vie et la mort, les événements fondateurs les plus violents et la douceur de vivre. C'est cette grande récapitulation que nous faisons à leur lecture”.

Dessa forma, lembrar e esquecer os espaços urbanos pode ser visto como faces interdependentes das escolhas da sociedade ao longo do desenvolvimento de suas cidades. As transformações são inevitáveis, e atrelado a elas há o esquecimento em relação ao espaço, com isso, a recordação passa a se embasar em outros pilares da memória do grupo, que se não forem constantemente revisitados também estão suscetíveis ao esquecimento ao longo das gerações.

Considerações finais

É clara a grande influência que o ser humano possui sobre a modificação do espaço que o cerca. A espécie humana está constantemente intervindo no espaço, causando transformações profundas que afetam a sua vivência cotidiana.

Identifica-se nesse estudo que o caminho para o indivíduo construir sua própria identidade é se integrando a um grupo dentro da sociedade. Para que ocorra essa integração, o ser humano precisa participar da construção de memórias coletivas. Sem se sentir parte de um todo, o indivíduo perde sua identidade, ele só se reconhece dentro do mundo porque tem como base um conjunto de noções coletivas que conferem sentido à sua existência.

Essa mesma memória, e conseqüentemente a identidade adquirida através dela, é construída dentro de um espaço físico, o que gera um sentimento de pertencimento para com as paisagens com as quais o ser humano convive. Dessa forma a paisagem atua como o grupo, ou melhor, a paisagem faz parte do grupo, se tornando uma unidade indissociável. É esse sentimento de pertencimento que favorece a preservação das paisagens urbanas, pois o ato de reconhecer-se no espaço através da memória das experiências vividas, torna aquele lugar importante para si, e fundamental de ser mantido.

Sob essa perspectiva, quando a sociedade contemporânea perde o seu patrimônio físico – seja as paisagens urbanas, a arquitetura particular de cada região ou as paisagens naturais – ela está perdendo também sua identidade e sua tradição. Vivenciamos uma transformação onde o convívio com o *outro* e com os espaços públicos perdem sua força, gerando uma nova configuração na forma em que a sociedade se relaciona com sua memória e com seus grupos de origem. Nesse cenário, se torna fundamental a constante busca pela reconexão com a identidade coletiva.

Referências

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradução: Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Rubi (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NORA, P. Entre memória e história: A problemática dos lugares. tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, v.10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acessado em: 28 fev. 2022.

PESAVENTO, S. J. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, v.1, n.1, p.3-12, 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225>. Acessado em: 28 fev. 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/producao-cultural/memoria-e-patrimonio-cultural/memoria-e-identidade-social-pollak-michael/at_download/file. Acessado em: 28 fev. 2022.

RICOEUR, P. Architecture et narrativité. **Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies**, v.7, n.2, p.20-30, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/errs.2016.377>. Acessado em: 9 mar. 2021.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François, Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S.; PIMENTEL, M. R. As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem. **Espaço Aberto**, PPGG – UFRJ, v.6, n.1, p.131-150, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2016.5240>. Acessado em: 28 fev. 2022.